



VISTA DE ISHELL—PALACIO PALACHINI.

O archiducado de Austria compõe-se de dous governos distinctos: um comprehende o territorio a leste do Enns, é a Baixa Austria; o outro, o territorio a oeste do mesmo rio, é a Alta Austria. Este ultimo governo abrange a maior parte do antigo archiepiscopado de Saltzburgo, e por conseguinte a região pittoresca conhecida sob o nome de Saltzkamergut.

Esta região é um dedalo de pequenas cordilheiras de montanhas povoadas de pinhaes, emoldurando amenos e ridentes valles, formosos lagos, e preciosas fontes de aguas thermaes.

Perto d'uma d'essas fontes ergue-se donosamente a pequena cidade de Ischell, celebre pelas conferencias diplomaticas que ali tem tido lugar.

Ischell é situada ao fundo de uma especie de baehia. Nas collinas circumvisinhas levantaram-se novas casas, e elegantes edificios, uns particulares, outros destinados aos estrangeiros, ornam todo o valle. Póde citar-se com um dos mais vastos e apparatusos o palacio Palachini, que occupa o segundo plano da gravura.

Os contornos de Ischell merecem ser visitados. Com rasão o Saltzkamergut é considerado como o Oberland da Allemanha. Os lagos de Fraukirchen, de Wolfgangersee, de Kunklersee, de Vordaer-Gosace, de Sec-Aus e de Imgebung dão aquelle abençoado torrão uma frescura agreste que encanta, e como asserena o espirito. Não se espere, porém, aqui um referver de aguas em cachão como na Suissa:

com excepção das catadupas de Fraunfall perto de Gmunden, de Saltyberg e de Chorins perto de Ischell, de Wältibach em Halstadt, as fontes não apresentam nenhum movimento sensível; parece burbuharem do seio fecundo da terra, reflectindo em suas aguas espelhadas as collinas coroadas de pinheiros e de carvalhos. Não se encontram no Saltzkamergut, nem os graciosos *chalets*, nem os costumes pittorescos do Oberland; tudo ahi tem uma physionomia menos nova, uma cõr mais igual, mas um pouco desbotada. Ali, o poema heroico e a egloga; aqui o idyllio gracioso, mas um pouco monotono.

A saída de Ischell costeia-se o Germunden, rio de que se não podem vencer as repentinas differenças de nivel senão por meio de planos inclinados, sobre os quaes os barcos são arrastados como nas cachoeiras do novo mundo. Descem assim carregados de madeira ou de sal.

A população das cercanias do Germunden reside em casas bem reparadas, annunciando, no seu trajar e no seu porte, uma honesta abastança.

N'uma cousa se parece, porém, Ischell com uma grande parte do nosso Portugal, isto é, no que ali chamam estradas; mas que o não são tal, porque não póde dar-se semelhante nome a carreiros mal gradados com declividades incriveis; de sorte que para as subidas é mister reforçar as parelhas dos cavallos com juntas de vigorosos bois, e nas descidas *entravar* as rodas dos carros!

VIAGENS NO MINHO

(FRAGMENTO.)

A FALPERRA.

« A Falperra! a Falperra! » Scismava eu, porque divisavamos umas alturas por entre os ulmeiros do campo de S. João encaminhando-nos para a ponte do Déste, ao sair de Braga caminho de Guimarães. As encostas que se iam elevando em frente de nós eram para mim um d'esses sitios dos quaes o viajante não se aproxima sem que lhe bata mais rapido o coração; porque as narrativas de vagas tradições, ou de factos positivos, ligados á idéa d'esses logares, nos deixaram no espirito vestígios profundos e duradouros. A Falperra é, como as gargantas penhascosas do Alfaval, ao descer pelas quebradas orientaes da serra d'Ossa para as margens pittorescas do Odgebe, ou como os antigos pinhaes da Azambuja, de que só restam memorias, um logar de romagem para os pios crentes das lendas de salteadores.

Acercando-me da Falperra da realidade, a minha Falperra ideal alevantava-se-me no espirito como gigante disforme; como um Nemrod de granito, caçador infatigavel de viandantes, rociando de continuo os duros membros com o sangue das victimas, acalentando-se com os gemidos dos moribundos, amando ouvir nos recéssos das suas cavernas o tinir do ouro e os debates vehementes sobre o repartir das prezas. Era uma Falperra sombria, carrancuda, grandiosa a que eu possuia, e que dentro de pouco ía afferir pela real. E por isso scismava ao transpor a ponte do Déste, e o coração me pulava com desusada energia.

Leitor, possam os dias da tua vida estar assignalados no livro do destino com tinta menos negra do que os meus! Possa a tua sina não ser como a minha, a dos grandes desapontamentos! A breve distancia das margens do Déste os pés dos nossos cavallo começaram a galgar as primeiras ondulações do terreno. Os raios do sol nascente, resvalando pelos cimos dos outeiros, íam desenhando em relevo os accidentes do solo, as sinuosidades das encostas, até ahí indecisas no crepusculo matutino, com o duro contraste das massas de luz e de sombras. A estrada que seguimos, pulverulenta e malgradada, trepava em voltas pelo chão ladeirento, deixando á direita um d'esses valles pittorescos e amenos, que o Entre-Douro-e-Minho atira aos pés dos viajantes com a desperdiçada profusão de morgado opulento. Ao cabo d'essa curta subida um dos nossos companheiros parou apontando para uma leve depressão do terreno para onde a estrada vergava colleando depois por uma ladeira não muito ingreme. Esta depressão, que se prolongava, gradualmente mais profunda, até o valle, era a primeira estação da via-sacra de terrores tradicionaes que tinhamos de percorrer. Debalde, porém, quiz possuir-me do sentimento que a tradição exigia de mim. Era preciso esforço sobrehumano para ter medo d'aquelle valle pacifico e riden-ta onde por entre o arvoredó se viam aqui e acolá alvejar os casebres dos pobres e honestos cultivadores, ao passo que o ruido confuso da população de Braga, até ahí silenciosa, vinha já murmurejar bem distincta em nossos ouvidos d'envolta com a toada dos sinos, que na santimonial metropole estrepitam de sol a sol. Repugnava-me acreditar as scenas de expoliação e até de sangue passadas n'aquelle logar e que com imperturbavel seriedade nos referia o nosso companheiro. Não comprehendia como os crimes

das solidões e só das solidões podiam vir aninhar-se á beira das cidades. As idéas baralhavam-se-me. E comtudo, cumpria ceder á evidencia. Não houve uma só voz que deixasse de confirmar a veracidade do narrador.

« Mas é singular! — dizia eu — O brado de afflicção das victimas creio que soaria até debaixo das abobadas da velha cathedral. Como se tolerava isto? Que faziam os habitantes de Braga? »

Levantando os olhos ao céu com um meneio sublime de compunção, o nosso companheiro, braguez e clerigo, respondeu mellifluamente: « Rezavam! »

A resposta era peremptoria. Calei-me, e continuamos a subir por um chão calvo, coberto de detritos da schistos. Pelas encostas até a cumiada dos montes que íamos costeando só se descortinavam leves ondulações, e a côr pardacerta e uniforme do solo dava a essas eminencias, sem uma fraga, sem uma aresta, sem um precipicio toleravel, o aspecto da mais sublime trivialidade. Debalde alongava os olhos pela senda tortuosa onde os pés dos homens e as torrentes do inverno tinham produzido em miniatura todos os accidentes e anfractuosidades, que á natureza esquecêra gravar na modesta cordilheira de cabeços que deixavamos á esquerda. Nada mais via do que a refração dos raios ardentes do sol batendo no chão esbranquiçado, e os rolos de pó que se alevantavam debaixo dos pés dos cavallo. A pouco e pouco o trilho de cabras que seguimos, e cuja al-cunha d'estrada altamente calumniosa nós acceitáramos sem discussão, começou a serpear para o viso dos outeiros. Considerava aquellas collinas schistosas como os contra-fortes da montanha, e esperava poder em breve saudar da assomada as aflorações graniticas, as agulhas dos cerros, as matas de carvalhos e medronheiros curvadas sobre as portellas ao cabo das valleiras sombrias. Revocava involuntariamente ao espirito a imagem das descidas solemnemente melancolicas do Trivim para a Lousã, e concentrava-me para aspirar de novo os attrahentes terrores com que havia um anno me embriagara esse immenso arco-botante das serranias da Estrella. Enlevado n'aquelle imagem nem a calma crescente nem a poeira enovellada que nos suffocava me impedia de apertar o passo ao cavallo para quanto antes chegar ao viso da eminencia. E cheguei. Se os novelleiros e dramaturgos não houvessem feito um consumo horroroso de maldicções teria n'aquelle momento exclamado: maldicção! Conteve-me o pudor masculino, o pudor que nos ensina a evitar o ridiculo. Além do viso descobria-se um vasto hórizonte. Aos pés ficavam-me as vertentes orientaes da cordilheira, um pouco mais anfractuosas do que as que subíramos. Lá em baixo via-se um valle coberto de milhares e retalhado pelos renques de castanheiros e choupos enredados de videiras. Íamos descer da Falperra. Não havia outra. Cumpria resignar-me. Em vão quizera lutar com a verdade inexoravel dos factos. Ai! Ao descer os recostos das collinas a alma dera-me em terra. O meu ideal, o meu sonho tinha inteiramente passado!

A Falperra é um solecismo de artigo de fundo e uma mentira de orçamento; é a negação do *constet sibi* de Horacio: é Othelo de barrete branco junto á chaminé da *Vitella de Ouro* na rua de S. João em Braga: é Frederico o grande a puxar o boi bento na procissão de Corpus de S. Victouro: é um boletim de Nicolau, o papa-tsar; é o governo representativo com a centralisação administrativa: é tudo quanto ha mais falso, mais absurdo, mais estúpida-

mente impossível. Quando se tem o tremendo nome de Falperra tem-se deveres graves que cumprir. Que és tu, Falperra da realidade, com os teus outeirinhos mal distinctos como a effigie de moeda saçada, com o teu manto de schistos quebrados, com a tua abstenção absoluta de agulhas graníticas, de fojos escuros, de precipícios aprumados, de matos sombrios, de algares tortuosos; que és tu, senão a prolação através dos seculos do monte de cacos velhos que se accumula á porta de uma olaria?

No meio do desalento misturado de indignação que em mim gerára o transpor aquellas alturas, veio consolar-me um sentimento de vingança satisfeita. Dormem alguns soldados n'um corpo de guarda no cimo da supposta serra e á beira da estrada, em quanto duas patrulhas passeiam lentamente nos dous pendores oppostos. A Falperra das tradições, dos terrores dantescos não existe, e essa indecente Falperra, acervo de cousas ineptas como a actual lei dos foraes, equipararam-na á pacifica e humilde rua do povoado; dobraram-lhe a cerviz sob os pés de poucos soldados. E foi justiça; justiça plena. Oh montanhas da Beira, oh serranias do alto Vouga e do alto Mondego, se a tanto se atrevem, que vão plantar as tendas de guerra no topo das vossas fragas; que patrulhem por cima dos vossos pincares e á borda dos vossas valleiras; que façam de vós, se podem, a prosa chata e villã das ruas de qualquer cidade!

O que é certo é que, passado o primeiro impeto de despeito por ter achado em logar da Falperra a sua caricatura, o espirito vae-se involuntariamente embrenhando em cogitações severas e tristes. N'esta cousa inqualificavel, que se dizia accumulada ás portas de Braga por uma legião de escaravinhos paleontologicos, roubava-se e assassinava-se ha poucos annos. É um facto historico que a tradição conserva, e de que ainda porventura existem sobradas testemunhas e victimas. Mas o que póde isso provar a favor da supposta montanha? Nada, absolutamente nada. O que prova é a decadencia nacional; prova que vem de longe as corrupções d'este seculo, e que até o salteador estava já de ha muito desmoralizado. Corromperam uma classe nobre e poetica, os infanções modernos, os Goesto-Anzures da futura aristocracia encostando-os aos bofetes administrativos, encaixilhando-os na casinha fiscal, aninhando-os nos antros judiciaes. Depois, quando os regios desagradados do absolutismo, ou as revoluções liberaes e o patriotismo esfaimado dos partidos victoriosos os submetteram de novo aos influxos do seu primitivo destino, elles levaram para a vida anti-social e poetica os vicios tacanhos da sociedade e da prosa. Envileceram-se, desnaturaram-se. É a unica explicação sensata da existencia de salteadores na Falperra. Quem te diria, illustre Schiller, que no momento em que no teu immortal *Die Rauber* revelavas ao mundo attonito o sublime, o ideal, o quasi divino do viver mysterioso do salteador, havia homens, que, semelhantes ás mulheres de Babylonia, se prostituíam desvalijando passageiros sobre esta serra de presepe sem se envergonharem de ouvir ao longe, trazido nas lufadas do vento, o ruido importuno dos cem sinos discordes de Braga, e em vez do rebombo da procella accumulada sobre as agulhas dos cerros, o estrepito do *Zé Pereira*, pio invento da santinonia bracharense para afugentar da Jerusalem minhota os pedreiros-livres e o diabo? Quem te diria, oh Schiller, que no teu proprio tempo se passavam taes cousas n'um ponto do globo, que, ao menos geographicamente, pertence á civilisação e á Europa?

Se não se explicar pela decadencia e desmoralisação do paiz esta grande indecencia montanistica, a historia da Falperra ficará sendo uma oração sem verbo, um syllogismo sem maior, um homem d'estado com probidade politica, um *oidium Tuckeri*, uma camara de deputados com senso-commum, um d'aquelles phenomenos, em summa, que, ultrapassando a nossa comprehensão, desmentem a mais elevada sciencia, e diante dos quaes o entendimento humano se humilha no seu nada, murmurando *só Deus é grande!* E as paginas d'essa historia falperina escreveram-se á vista do Bom Jesus do Monte, do Golgotha das artes plasticas, onde se alevantam as três cruces da architectura, da esculptura e da pintura; sitio rodeado do terror que geram atrozes e dilatados supplicios, onde, no seio de uma natureza ridente, no meio das bellas e puras obras da criação, a mão impia do homem escreve ha cem annos na pedra, no pau, no barro e na tela insólitas blasphemias contra a poesia das artes, que, como a poesia da palavra, é santa porque vem do Senhor; onde o Christo, arrastado de novo ao Calvario, se acha convertido em actor de uma nunca vista dança macabra de mau gosto e de ignorancia. Foi, sim, a par d'essa Gethsemani de todo o artista, de todo o poeta que ali sobe, e cujo coração verte sangue ante o espectáculo de tantos sacrilegios, que a Falperra teve a pretensão estulta e caricata de ser a Selva-Negra, a Calabria, ou a Serra-Morena da nossa terra?

*non ut placidis coeant immitia, non ut
Serpentes avibus gementur.*

Nunca na minha vida senti tentação tão forte de commetter uma illegalidade e uma violencia. Por tres vezes esteve a saír-me da bôca uma ordem ao arriero para me metter na mala a Falperra. Levalla-ia comigo para Lisboa, e receberia cada vez que para ella volvesse os olhos uma lição salutar contra os impetos da vaidade. Dir-me-ia a cada momento a Falperra o que são e o que valem as reputações em Portugal.

Guimarães, 11 de agosto de 1854.

A. HERCULANO.

TELEGRAPHIOS.

TELEGRAPHIA ELECTRICA NA INGLATERRA.

A maior parte das linhas, que funcçãoam hoje nos caminhos de ferro inglezes, foram creadas por mr. Wheatstone. Tendo este celebre physico descoberto que a promptidão do relampago é tal que elle póde n'um segundo fazer oito vezes o giro do globo, as suas bellas experiencias suggeriram-lhe a idéa de applicar o principio da electricidade ás communições telegraphicas.

O *telegrapho de agulhas*, hoje substituído em Inglaterra ao de quadrante, consta de duas agulhas ambas fixadas no centro de um circulo. São postas em movimento por duas manivellas, que empunha o operador. Por um processo, que seria longo descrever, o movimento communicado ás manivellas, estabelece ou interrompe a corrente electrica, e d'este modo póde a agulha tomar sobre a circumferencia do circulo as posições, que se desejarem. Estas duas agulhas e os seus quadrantes estão fixados na cortina anterior d'uma especie de boceta grande, que aos olhos dá parencas de um tumulo antigo, e são movidas

mediante a corrente electrica pelas duas manivellas. Ha outra manivella, que faz tocar uma campainha, a qual serve a excitar a attenção do empregado. Certas posições, que se fazem tomar ás duas agulhas, são outros tantos signaes, cada um dos quaes designa uma letra, e assim se fórma o alphabeto do telegrapho.

Estas agulhas são movidas por rapazes de 15 ou 16 annos com uma rapidez, que custa a seguir com a vista; e durante o seu trabalho os rapazes conversam, riem, occupam-se de quanto se passa em roda d'elles, sem nunca se enganarem na execução dos signaes do vocabulario, chegando mesmo, durante a expedição de um recado ou correspondencia, a soltarem á *parties* telegraphicos, e a acompanharem o despacho, que estão transcrevendo, com gracejos dirigidos aos seus camaradas do outro telegrapho, com que se estão correspondendo, e dos quaes os separam dezenas de leguas.

É uma cousa curiosa observar o conhecimento, que, pelo habito d'esta communicacão mental, vem a travar os jovens empregados do telegrapho com os seus correspondentes das outras estações. Tão bem estabelecida está entre elles esta especie de intimidade, que aos primeiros movimentos das agulhas sabem reconhecer qual dos seus camaradas invisiveis se dispõe a escrever-lhes. Não é raro ouvir a um dos empregados da estação de Londres, quando nota os movimentos do seu aparelho, que começa a ser impellido pelo telegrapho de Manchester, esta exclamação: «Ah! lá volta Jorge!» Jorge é o nome de um empregado na estação de Manchester.

As vezes outro empregado do telegrapho de Londres, vendo as primeiras oscillações das suas agulhas movidas pelo fluido electrico da estação de Liverpool, toma o seu logar com um ar de contrariedade e de mau humor, dizendo: «Vamos... é outra vez aquelle bruto de João, que lá está em baixo!» João é o nome de um empregado na estação de Liverpool. Estabelecem-se assim estes sentimentos de antipathia entre empregados de diferentes estações distribuidas na mesma linha, e o azedume chega entre elles a ponto de obrigarem a administração telegraphica a separal-os. Aconteceu isto recentemente na linha de Londres a Birmingham, onde dous rapazes estavam continuamente occupados a alterar e a trocar injurias pelo telegrapho.

A administração ingleza poz desde os primeiros annos o telegrapho electrico á disposição do publico. A *companhia do telegrapho electrico*, que em Inglaterra tem o monopolio de todas as communicacões telegraphicas, está encarregada da execução d'este serviço. As correspondencias do governo effectuam-se, como as do publico, por meio do escriptorio central da companhia, e é só por deferencia que o governo obtem a prioridade para a transmissão dos seus despachos.

O *telegrapho electrico central* de Londres está situado na rua Lothbury em frente do muro exterior do Banco. Quem entra no estabelecimento, topa logo com a grande sala geral allumiada pela parte superior, e contendo tres gallerias sobrepostas. No meio da sala reina uma meza comprida dividida, por cortinas verdes, em seis repartimentos ou estantes para escrever. É ali que o publico é admittido a escrever as communicacões destinadas para ser expeditas pelo telegrapho. Os recados ou mensagens devem ser inscriptos n'uma folha de papel de cartão, de que quasi metade está já cheia por um formulario impresso, com espaços em branco para receber o nome e morada da pessoa que escreve, d'aquella a quem se

dirige a communicacão, o preço do recado e da resposta, a data e hora da recepção do despacho, e em fim a data e hora, em que começou, e terminou a transmissão.

À medida que se vão escrevendo, passam as mensagens, uma após outra, por um postigo de vidraças a um quarto pequeno chamado *escriptorio de registo*. No escriptorio de registo toma-se nota das mensagens, marcam-se com um numero de ordem, e o empregado, que acabou de registal-as mette-as n'uma pequena caixa, e puxa o cordão de uma campainha. No mesmo instante passa a caixa rapidamente por uma especie de chaminé de pau, e transporta o seu conteúdo á *sala dos instrumentos* na parte superior do edificio.

A *sala dos instrumentos* é uma camara bastante grande, onde se acham dispostos oito aparelhos telegraphicos destinados a transmittir as mensagens a diferentes direcções. Cada um d'estes aparelhos tem os nomes de 6 ou 8 estações, com as quaes se corresponde, e basta um só empregado para o serviço de tres aparelhos.

Quando são chegadas ao andar dos instrumentos as diferentes mensagens, collocam-nas sobre o aparelho, que deve expedil-as, e o rapaz encarregado d'este trabalho mette logo mãos á obra. Começa, fazendo tocar, mediante a corrente electrica, uma campainha pequena, a qual serve de despertador simultaneo a todas as estações da linha. Mas com quanto attrábia assim a attenção dos agentes postados em cada uma das estações, o soido das campainhas cessa em todos os pontos quasi immediatamente, excepto na estação, para cujo nome o rapaz dirige a agulha indicadora. A este signal o agente d'essa estação fica sabendo, que a mensagem, proxima a chegar, só a elle é dirigida, e, mediante um signal correspondente, participa á estação de Londres, que está no seu posto, prestes a receber a communicacão annunciada. O rapaz da estação de Londres empunha então com ambas as mãos as manivellas, que fazem mover as agulhas, e põe-se a transcrever o despacho, fazendo manobrar rapidamente por maneiras diversas esta empunhadura, que imprime ás suas agulhas e ás do seu correspondente movimentos sacudidos, designando tal ou tal letra do alphabeto electrico. Recebida a mensagem na estação, onde d'esta fórma é enviada, copiam-na, e immediatamente a leva ao seu destino um carteiro, aggregado ao estabelecimento.

Os despachos expeditos das diferentes estações do reino, e dirigidos a Londres, são recebidos na mesma *sala dos instrumentos*, d'onde acabámos de ver partir uma mensagem. A manobra para a recepção é tão simples como a da remessa. Estão dous empregados diante do aparelho, que transmittre o despacho. Um d'elles lê as palavras á medida que se apresentam, e dicta-as ao seu companheiro. O acto de as dictar é tão rapido, que a penna tem dificuldade em segui-lo. Quando não foi bem comprehendida uma palavra, o empregado informa d'isto o seu correspondente por meio de um signal particular, e o correspondente torna a começar. Terminado o despacho, o que o recebeu relê o manuscripto, para certificar-se de se não haver commettido erro. Notam-se a hora e o minuto da recepção; assigna-se a cópia, e desce ao escriptorio de registo, onde é transcripta, e por fim enviada ao seu destino por um carteiro.

Independente da transmissão das mensagens particulares, a *companhia do telegrapho electrico* tem estabelecido, no centro das principaes villas e cida-

des do reino, escriptorios onde se podem receber, e d'onde se podem expedir para todas as outras estações informações e communicações de differente natureza. Ha em cada uma d'essas estações uma sala para os assignantes, onde se affixam sobre quadros, á proporção que vão chegando, todas as informações de interesse publico ou commercial, como o curso da praça do commercio, os preços dos differentes mercados, o preço corrente das mercadorias nos principaes centros fabrís, o estado do mar e da atmosphera, colhido ás 9 da manhã nos diversos postos, a chegada e partida dos navios, os sinistros marítimos, as noticias dos divertimentos e do parlamento, as noticias geraes etc. As communicações d'esta natureza são confiadas, no estabelecimento central de Londres, a uma repartição especial denominada *repartição das noticias*, distincta da *repartição das mensagens particulares*, e que toma por tarefa exclusiva fornecer

noticias aos gabinetes de assignatura ou leitura de Edimburgo, Glasgow, Liverpool, Leeds, Manchester, Hull, Newcastle etc. As sete horas da manhã são levados todos os jornaes de Londres ao chefe d'esta repartição, que extrahе d'elles, para serem transmittidas em resumo ás differentes estações. Os jornaes d'estes differentes sitios esperam para se metterem na prensa a chegada dos despachos electricos, e é assim que o negociante de Manchester recebe, ás 8 da manhã, noticias, que o caminho de ferro lhe não traria senão ás 2 menos um quarto, e que não chegariam a Edimburgo, por esta mesma via, senão ás 9 e meia da tarde. A maior parte dos jornaes da provincia assignam no telegrapho de Londres para receberem instantaneamente as noticias do dia. Resulta-lhes d'ahi um avanço notavel aos da capital.

(Continúa.)

O. M.



(Casa em que nasceu Burger.)

BURGER.

Gottfried Augusto Burger, poeta allemão, auctor de balladas celebres, nasceu á 1 de janeiro de 1748, em Wolmerswende (Prussia). Nos primeiros annos nenhuma disposição mostrava para o estudo; o latim esse detestava-o. Mas assim que se tratava de poesia inflammava-se-lhe a imaginação. Os seus biographos contam que fóra expulso da escola de Aschersleben por ter composto um epigramma contra um dos seus condiscipulos.

A mocidade gastou-a em devassidões de toda a sorte; mas depois emendou-se, e travou relações com alguns litteratos de merecimento, por influencia dos quaes obteve um emprego de conselheiro de justiça em Altengleichen (Saxe). Foi n'esta povoação que compoz em 1773 a sua melhor obra, *Lenora*.

Burger tres vezes foi casado. Havia alguns annos que estava viuvo da sua primeira mulher, que havia

celebrado em seus versos sob o nome poetico de *Molly*; eis que, uma bella manhã, lhe vão levar ao seu gabinete de trabalho uma carta. Abre-a Burger; era uma epistola em verso, e assignada por uma senhora distincta, Elisa Hahn, que, enthusiasmada das poesias de Burger, lhe offerecia, sem o conhecer, a mão e o coração. A aventura era um pouco romanesca. O auctor de *Lenora* respondeu que faria uma loucura em esposar um poeta, cuja fortuna consistia apenas em muitas... dividas. Mas a donzella insistiu, e Burger cedeu e casou; passado um anno teve de divorciar-se!

As obras de Burger formam 8 volumes. Não se cuida, comtudo, que todas as composições de Burger são escriptas sob a inspiração lugubre de *Lenora* e do *Caçador feroz*; pois muitas das poesias d'este distincto vate allemão estão cheias de risonhas imagens, e respiram a mais franca alegria.

APONTAMENTOS ESTATISTICOS.

(LISBOA — SECULO XVI).

III.

D'uma resenha dos logares do reino, que deputavam procuradores a côrtes, archivada na Torre do Tombo, e impressa com as Memorias do sr. visconde de Santarem, vê-se que Lisboa contava:

No anno de 1535

Visinhos na villa.	13:010
» no termo.	4:024
Total.	17:034

Outo annos antes havia D. João III ordenado ao escrivão da sua camara, que tirasse uma relação exacta do povo de Lisboa. Henrique da Motta, cumprindo o que el-rei lhe ordenára, achou:

Fogos na cidade e arrabaldes.	14:014
» no termo.	4:034
Total.	18:048

Resulta dos dous numeramentos uma differença, para menos, de 1:004 fogos na cidade e arrabaldes, ou 125¹ em cada anno.

Não era só Henrique da Motta, de quem D. João III se servia para exigir e modelar investigações numericas sobre a população. Tambem teve junto a si, como seu capellão-mór, um homem aos cuidados do qual deveu o arcebispado de Lisboa não só o censual ou cadastro de todos os foros, rendas e propriedades pertencentes á meza archiepiscopal, trabalho que as chammas consumiram no fatalissimo dia 1.º de novembro de 1755, mas tambem um *Summario* d'algumas cousas ecclesiasticas e seculares do arcebispado, que é um livro precioso pela sua raridade quasi absoluta, e pelos esclarecimentos, que póde subministrar aos curiosos d'antigualhas estatisticas.

Da segunda edição d'este *summario* é que o padre João Baptista de Castro extrahi os seguintes numeros, relativos ao

Anno de 1551

Visinhos	18:000
Almas.	100:000
Escravos	9:950

Como se acham expressas no *Mappa de Portugal* as duas ultimas quantidades parecem distinctas e addicionaveis entre si; mas Christovão Rodrigues d'Oliveira, que foi quem, por ordem do arcebispo D. Fernando, compoz o *summario*, declara explicitamente, que n'estes 18:000 visinhos ha 100:000 almas, *entrando n'isso 9:950 escravos*.

Christovão Rodrigues pedira a todos os priores e curas da cidade que, *ao fazer dos roles dos seus freguezes apurassem o certo do numero das casas e moradores d'ella e dos officios assi de homes como mo-lheres.*»

O recenseamento, portanto, poderá aproximar-se da verdade em quanto ao numero das familias catholicas domiciliadas em Lisboa; mas, a meu ver, está longe de ser exacto no que respeita ao numero de habitantes. (1) Christovão Rodrigues não computou n'este recenseamento a côrte, nem como elle mes-

(1) O sr. D. Pascual Madoz (Dic. Geogr. t. X pag. 585) diz que n'aquelles tempos tomava-se, e ainda hoje se toma, nos livros parochiaes, melhor do que nos registos civis, a nota dos moradores, principalmente dos obrigados ao preceito da Igreja. Se é esta a regra, eu tenho achado numerosas excepções, algumas até, nos proprios numeros estatisticos do sr. Madoz.

mo diz, *muyta outra gente de fóra*. Sem esta omisão na cifra total o numero de visinhos de Lisboa em 1551 fóra menos acreditavel. Cumpre, porém, não confundir alguma inexactidão do auctor do *Summario* com as absurdas exagerações de outros que escreveram depois d'elle. Pela maior parte, orçaram ou esmaram (1) tão superficialmente o numero das habitações e o dos habitantes, que bem se vê que sabiam melhor amontoar hyperboles do que colligir e apreciar factos. O patriotismo, algumas vezes até insensato, era um como telescopio que avolumava as cousas de um modo prodigioso. E não creio que não tenha isto uma explicação plausivel.

Nunca as tendencias ao maravilhoso, nem as opiniões falsas generalizadas n'um povo, deixaram de actuar em grande numero de gerações, agrilhoando aos preconceitos do vulgo até as intelligencias predestinadas para grandes iniciativas e revoluções litterarias e sociaes. Chateaubriand crêra que Roma teve uma população de 3 milhões de habitantes. Montesquieu (2) acreditou nas afirmações de historiadores, que suppuzeram aquella cidade, só por si, maior que um grande reino da Europa moderna.

Que muito é, pois, que em epochas tão atrazadas, os nossos eruditos pensassem, uns que o numero do povo de Lisboa não cabia na *arismetica*, outros (e a estes pertenceu Duarte Nunes de Leão) que Lisboa *per si só com seu termo era um grande reino?*!

Camões, com ser poeta, e ter o privilegio — *quidlibet audendi* — de Horacio, foi menos exagerado que os prosadores.

«E tu, nobre Lisboa, que no Mundo
«Facilmente das outras és princeza»

disse o immortal auctor dos *Lusiadas*.

Não pretendo, todavia, inculcar que Lisboa, emporio do commercio da Asia, não fosse no seculo XVI uma cidade muito importante, e muito populosa relativamente. Principiára a ser capital do reino desde Affonso III. Para D. João I fóra esta cidade a predilecta. Depois, a heroica intrepidez dos navegadores portuguezes constituiu-a rainha do Oceano como Veneza o havia sido do Adriatico.

Entretanto, vejâmos o numero indicativo das ruas, habitações, e população de Lisboa, por parochias; e n'outro apontamento veremos, se é possivel rectificar-o.

Ao leitor peço uma cousa, e é, que se revista de coragem para ler o Panorama, ou de resignação evangelica para não o atirar pela janella fóra, quando chegar aos meus pobres apontamentos. Se não sei descrever-lhe Tyro, Carthago ou Veneza, adormecendo envoltas nos seus mantos de rainhas para accordarem despojadas da opulencia e grandeza, que o mundo inteiro lhes invejou; se a minha penna não póde ir através da longa serie dos seculos revolver, com a audaz perseverança de um Volney, nas ruinas dos imperios e cidades, de que a historia nos conta maravilhas; se não tenho o dom de adivinhar e pre-dizer os destinos gloriosos que a Providencia e a civi-

(1) Até o meado do seculo XVII, uns davam a Lisboa 30 mil visinhos, outros *rinte mil casas* com povo *infinito*, outros 50 mil fogos, e alguns 500 mil pessoas. Depois d'aquelle periodo, a exaggeração subiu de ponto. Houve quem attribuisse a Lisboa 800 mil pessoas!!

(2) Uma das suas *Lettres Persanes* (a CXII) é uma jeremiada, ou antes uma propheta, que por felicidade as progressões de Malthus fazem menos consternadora. A terra, em 1718, continha apenas um decimo da gente, que outr'ora a povoára. Esta despovoação augmentava de dia para dia; de modo que, se continuasse assim, em 10 seculos o orbe terraqueo estaria deserto totalmente!

litação d'este seculo reservam á cidade de Lisboa; se não posso prender a attenção do leitor pelo colorido poetico das narrações, pelas saudades e tristezas que requebram do obituario immenso dos povos, e pelas esperanças, pelos sonhos generosos de progresso e felicidade social, de que nem todos ainda descreem; posso pelo menos suggerir um genero de penitencia, que Deus deve levar em desconto de grandes peccados; porque atravessar, sem iras nem desesperos, o longo e asperrimo deserto das cifras estatisticas, parece um meio infallivel de ganhar o céu.

(Continúa.)

JOÃO MARIA NOGUEIRA.

COROAÇÃO DOS REIS DE PORTUGAL.

II.

As noticias que nos offerecem as chronicas ácerca dos mais antigos soberanos portuguezes são tão incertas e escaças que não admira omittirem-se episodios e incidentes de ostentação, quando esqueceram, ou se confundiram feitos de importancia, e negocios de grande vulto.

Felizmente acha-se preenchida hoje até Affonso III a falta, que todos deploravam; e a historia dos primeiros seculos da monarchia, deduzida dos documentos, e allumiada pela severa critica da moderna escola, honra o nome de Alexandre Herculano, como na Allemanha e França trabalhos semelhantes illustam a reputação dos Raumers, dos Guizots, e dos Thierrys.

Mas curiosidades, como esta, que nos occupa, e outras da mesma especie, apenas cabem nas relações de singelos narradores, ou nas memorias depositadas nos archivos.

O que importa ao livro historico são os factos, a sua ligação, e as suas consequencias; é o aspecto social e politico; são, emfim, os costumes e usanças, que pintam a existencia e avivam a physionomia das epochas. O resto merece apenas menção rapida em uma nota fugitiva; ou de proposito se põe de lado para não invadir o espaço reservado a estudos graves.

Até el-rei D. Duarte não se descobre nos livros dos chronistas, ou em narrações avulsas apontamento da fórma usada nos autos reaes da coroação, e a resumida descripção, que nos offerece a *Monarchia Lusitana*, querendo figurar a pompa do levantamento de Sancho I, se alguma cousa prova a nosso vêr, como já observamos, é que não só não era conhecida a verdade, mas que nem mesmo se formava idéa d'ella!

Fernão Lopes, o prosador-poeta, que tão animada e portugueza pintura nos faz dos reinados de Pedro I, D. Fernando, e D. João I, encerra em dous traços sómente o seu dramatico e bello quadro da eleição do mestre d'Aviz nas côrtes, tocando de leve as festas da acclamação.

De D. Duarte em diante é que principiam a encontrar-se mais largas e miudas informações, e que se torna comparativamente mais facil ir notando as alterações do ceremonial, á medida que os periodos historicos se completam, e que o pensamento politico se caracteriza. Até lá são tudo duvidas, ou conjecturas; mas não existe certeza, nem sabemos d'onde possa derivar-se.

Fernão Lopes, tão feliz em dar vulto aos menores traços, tão verdadeiro sobre tudo no retrato de

D. João I, e da sua epocha, parece querer ainda realçar-se a si mesmo, relatando o que succedeu antes e depois do vencedor de Castella cingir no elmo a corôa de Affonso Henriques e Affonso IV. O painel que nos legou, não só conserva os grandes lineamentos, como as feições mais delicadas do grande periodo que reproduz. Na ingenua phrase do chronista respiram as crenças sinceras e as nobres paixões d'aquelle bom e velho tempo, porque a penna escreveu o que disse o coração!

A revolução popular, que elevou o mestre d'Aviz ao throno de seu pae, remindo a independencia nacional do jugo castelbano, é geralmente conhecida. As gentilezas, os arrojos e os rasgos heroicos do principe e dos seus cavalleiros, (geração de heroes, que não teve igual depois) encham uma das mais formosas paginas da historia portugueza.

As invasões repellidas, os enredos dos parciaes estranhos descobertos e confundidos, e a forte vontade de um povo assignalada nos cercos, e batalhas, mostram o que uma nação póde e sabe alcançar quando, confiada em Deus, firma nos brios da espada toda a esperanza de salvação.

Nomeado defensor e regedor do reino, o mestre d'Aviz poz os olhos na corôa, mas decidido e estremado, desejou-a como premio de altos feitos, e não como alvo de avida ambição.

Não é para aqui descrever, nem de longe, as vicissitudes da lucta gigante, em que sobresaíu o valor e a lealdade portugueza. Seria acanhar em abor-tado esboço o que merece a tela mais vasta e o pincel mais rico. Seria quasi profanar o assumpto reduzir-o assim a proporções, que elle não soffre. Deixando pois de parte o que se afasta do nosso proposito, e guiados pelo chronista-poeta, entraremos só no recinto das côrtes de Coimbra, aonde se pleiteiam os direitos do sangue, e os da gloria até por voto unanime se ornar com o diadema a fronte do futuro vencedor de Aljubarrota. Ahi a scena não foi menos bella, nem menos animada, do que nos campos de peleja.

Achava-se o mestre d'Aviz sobre Torres Novas, que tinha a voz de Castella; e observando que a resistencia promettia ser mais aturada, do que lhe consentia esperar o aperto do tempo, determinou levantar o cerco e marchar para Coimbra, aonde o chamava o ajuntamento dos bispos, fidalgos e procuradores, reunidos em côrtes.

Antes de partir, para os inimigos se não aproveitarem d'elles, mandou lançar fogo aos trons e engenhos, assestados contra as muralhas, e depois de tudo disposto, deu o signal, e principiam a desfilar as boas lanças, e as companhas de homens d'armas, que o serviam n'aquelle feito.

O termo de Lisboa, arrazado pelas tropas de Castella, padecia n'esta occasião grandes fomes, e outro tanto acontecia ao de Torres Vedras, e aos logares visinhos.

Sabendo, pois, os lavradores e populares que ahi moravam, que o mestre se retirava, e vendo que ficavam em poder dos castelhanos, com a ancia e magua do perigo e rodeados de mulheres e filhos, de velhos, creanças e adultos, correram chorando e rogando que os não deixassem ali expostos á pobreza e necessidade, e nas mãos dos inimigos.

Apiedou-se D. João de suas lagrimas e concedeu-lhes o que pediam, levando de Torres Novas a todos elles, e guardando-os em quanto os desgraçados não cessavam de lamentar a sua miseria, abençoando quem os salvára de peor ruina.

Quando já tudo se estava abalando, um cego, que vivia no arabalde, sentindo-se esquecido começou a bradar, em nome de Deus, que se compadecessem, e o não deixassem com os scismaticos, que lhe não perdoariam; e Nuno Alvares, que passava, como ouvise as suas lastimas, condoído, mandou que lh'o puzessem de ancas sobre a mula, e assim o tirou d'ali com outros muitos. D'este modo saiu o mestre de Aviz de Torres Novas, semelhante a Moysés, capitaneando os israelitas no deserto. A gente ia adiante, e elle, com seiscentas lanças atraz, fazendo jornadas curtas para não cansar o povo, que se foi aposentando nos sitios, em que achava sustento e comodidades.

Finalmente, negando-se o alcaide de Leiria, Garcia Rodrigues, a recebê-lo, encaminhou-se para Coimbra sem demora.

Constando na cidade a chegada, moveram-se ao seu encontro, a clerezia em procissão, e os seculares com os jogos e trebelhos, usados nas boas vindas do rei, quando entrava de novo em alguma terra.

Os fidalgos e os procuradores dos concelhos, que ali se achavam para as côrtes, também acudiram á estrada, montados em bons cavallos, e enfeitados com as suas galas de maior valia. Mas, o que sobre tudo mais deu nos olhos foi o tropel dos meninos, que por fóra dos muros quasi uma legua adiante, em cavallinhos de cannas, correndo com pendões fingidos, gritavam a uma voz «Portugal, Portugal, por el-rei D. João! Em boa hora venha o nosso rei!»

O mestre de Aviz, Nuno Alvares, e muitos que o acompanhavam, alegraram-se, encarecendo o caso, tomando-o por feliz auspicio, e dizendo que certamente Deus é que fallava pela bôca d'aquelles moços, como por bôcas de prophetas!

Apenas o mestre descobriu de longe o clero, apeouse, e de joelhos beijou a cruz com toda a humildade e reverencia; depois, não querendo tornar a montar-se, metteu-se na procissão, e entrou com elia na cidade no meio das festas e acclamações, uma sexta feira 3 de março.

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.

ILLUSTRAÇÃO

LUSO-BRAZILEIRA,

JORNAL UNIVERSAL, COLLABORADO POR MUITOS
LITTERATOS DISTINCTOS, PUBLICADO
PELO EDITOR DO PANORAMA.

A *Illustração Luso-Brazileira* sairá todos os sabbados. Cada numero conterà 8 paginas ou 24 columnas em formato igual ao das outras semelhantes *Illustrações*, e será ornado de grande numero de gravuras, executadas sob a direcção do nosso excellentè gravador, o sr. José Maria Baptista Coelho.

Na *Illustração Luso-Brazileira* hão de tratar-se promiscuamente as materias que constam do seguinte elencho:

I—PARTE HISTORICA. N'esta, que é sem duvida a parte mais importante em uma *Illustração*, comprehender-se-ha: 1.º a narração circumstanciada, conscienciosa e imparcialissima de todos os successos contemporaneos de alguma importancia, assim na ordem politica como na social e economica: 2.º a biographia

de todos os personagens que, por qualquer motivo, ganharem certa celebridade, seja qual fór a nação a que pertençam. Pareceu-nos também conveniente inserir n'esta secção, uma synopse de todos os actos governativos de algum alcance, que se publicarem nas folhas officiaes de Portugal e do Brazil; bem como, quando estiverem reunidos os corpos legislativos, um sumario dos respectivos trabalhos.

II—PARTE SCIENTIFICA. Revista dos jornaes scientificos nacionaes e estrangeiros; sessões das academias e sociedades litterarias e scientificas, assim de Portugal, e do Brazil, como dos demais paizes. Noticia de novos descobrimentos. Não nos esqueceremos n'este lugar de discutir, quando convenha, as questões que mais interessam á publica instrucção, á industria etc.

III—PARTE LITTERARIA. N'esta secção inseriremos romances escolhidos, não demasiadamente extensos, poesias, e em geral todas as composições que pertencem á litteratura amena. Viagens, descripções de monumentos, cidades, obras publicas etc.

IV—CRÍTICA LITTERARIA. Appreciação imparcial de todas as publicações litterarias ou scientificas de que houvermos conhecimento, annunciando-se, porém, simplesmente aquellas que forem de menos importancia.

V—PARTE COMMERCIAL. Retrospecto do commercio; situação das associações e empresas industriaes, agricolas, commerciaes, de navegação etc. etc. Preço dos fundos publicos, e acções que têm curso nas diferentes praças do mundo; conselhos e alvitres.

VI—ESPECTACULOS PUBLICOS. Analyse franca dos espectaculos e diversões publicas; theatros, bailes, phylarmonicas.

VII—MODAS. No fim de cada mez daremos um figurino de modas, acompanhado da necessaria explicação.

Tomam-se assignaturas por trimestres, semestres e annos:

Preços em Lisboa	} Anno . . . 3\$600 Semestre. 1\$920 Trimestre 1\$000	
		nas Provincias
		(Recebendo os n.ºs em casa dos srs. correspondentes)
(Recebendo <i>franco</i> pelo correio) } Anno . . . 4\$000 Semestre. 2\$100	} Anno . . . 3\$800 Semestre. 2\$000	
		Imperio do Brazil
(Recebendo em casa dos srs. correspondentes)	Moeda forte Anno . . . 5\$000	

Querendo receber em suas casas, ou pelos paquetes a vapor, entender-se-hão a este respeito com os srs. correspondentes. Se conseguirmos que o illustrado governo do Brazil admitta no imperio a nossa *Illustração* franca de direitos, faremos aos srs. assignantes o abatimento correspondente. Admittem-se também, *mas somente em Lisboa*, assignaturas a n.ºs, sendo o preço de cada um, pago no acto da entrega, 80 rs. Avulso cada n.º custa 120 rs. Todas as assignaturas são pagas adiantadas. Todas as pessoas das provincias, que desejarem subscrever para este semanario poderão dirigir-se aos correspondentes do *Panorama*, ou ao editor em Lisboa, remettendo pelo seguro do correio uma ordem da importancia da assignatura. Em consequencia dos preparativos a que temos de proceder para assegurar a regularidade de uma publicação tão importante, o primeiro numero sairá no primeiro sabbado do mez de JANEIRO proximo.